



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da União Operária Nacio

EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

gão e administração — Calçada do Combro, 36-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 7

Officina de impressão: Rua da Atalaia, 124

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Sintoma animador

Além do Congresso Operário Nacional, estão prestes a realizar-se três congressos corporativos de não somenos importância: o da indústria da Construção Civil, actualmente o mais robusto organismo proletário; o da Indústria de Calçado, Couros e Peles e ainda o dos Empregados no Comércio. Os sindicatos metalúrgicos também tencionam celebrar em data próxima, o seu congresso, de onde deve sair um forte organismo federativo, que estenderá a sua benéfica acção a uma classe numerosa e que se encontra na verdade, num lastimável estado de desorganização, a despeito dos esforços do Sindicato Unico Metalúrgico que, até agora, não tem podido estender a sua acção além da região de Lisboa.

É um sintoma animador que com prazer registamos nestas colunas, pois demonstra que a classe operária trabalha afinadamente no aperfeiçoamento da sua organização sindical, procurando cavar alicerces mais fundos em que possa organizar a sua luta. Precisamos de organizar, de organizar muito, depressa e bem. Por isso, nenhum operário consciente que milita nos sindicatos, deve regatear o seu esforço, devendo, muito pelo contrário, levá-lo até ao máximo, para que a organização confederal agora esboçada, tome corpo, solidificando-se, impondo-se não só aos poderes burgueses, mas ainda, e o principal, à grande massa de trabalhadores que, mergulhados numa escuridão crassa de tinta, por completo abandonam a defesa dos seus interesses, não abrigando o menor desejo de progredir e limitando-se às suas funções de bestas humanas pagas a salário baixo, recebendo tranquilamente todas as humilhações e opressões, não meditando cinco minutos sequer na necessidade de se rebelarem e hostilizando, muitas vezes, aqueles trabalhadores que, tendo a consciência da missão histórica de desempenhar pelo proletariado, lutam denodadamente, indo até ao sacrifício máximo, pelos interesses das multidões que enchem as fábricas, as oficinas e os campos.

Realmente há muito boas vontades na organização operária; mas a verdade é que ela apoia-se geralmente na revolta, poucas sendo as consciências inteligentes que a secundam. É essa a dificuldade com que até agora o movimento operário tem lutado e continuará lutando. Os trabalhadores deste país, porque tem latente o sentimento da rebelião, com facilidade manifestam na rua a sua vontade, não hesitando, muitas vezes, em travar áspera e desigual peleja com as forças mantenedoras da ordem burguesa e capitalista. Porém, quando se trata de um esforço contínuo, de fazer essa rebeldia congenita em moldes cuidadosamente fundidos, nós vemos que a liga é quebradiça, do que geralmente resulta a inutilização dos mais justos movimentos, sendo exemplo eloquente desta nossa asserção o malogro da greve geral contra a carestia da vida, em 1918.

É uma dificuldade com que tem esbarrado os organismos operários. O trabalhador português sente em determinados momentos toda a iniquidade da actual ordem social e manifesta-se. Com facilidade, mesmo, verte o seu sangue pela causa dos trabalhadores. Exceção a essas ocasiões. Porém, pouco tempo passado, volta à sua inércia, abandona por completo o sindicato, descura os seus interesses, do que resulta enfraquecimento sensível dos esbarrados de onde se move a luta de classes, enfraquecimento devido à redução do número de combatentes. A verdade é que há rebeldias a mais e consciências a menos.

Esse deficit de consciências tem de acabar, ainda que à custa de muito trabalho.

É preciso que o proletariado se comprometa da missão que tem a desempenhar e a que de forma alguma se pode furtar. Para bem a desempenhar não basta que seja composto de revoltados. Tem de ter consciência, uma consciên-

Se os congressos que agora se vão realizar não passarem duma simples permuta de saudações entre militantes de todos os pontos do país e do estudo descurado e momentâneo desta ou daquela tese, não marcando o início de um período grande de organização, acção e propaganda, essas magnas assembleias resultarão inúteis e delas nada sairá de perdurável.

Para este aspecto capital do estado actual da questão operária portuguesa que chamamos a atenção do proletariado. Ele deve preocupar num alto grau todos os que desejam ver os trabalhadores portugueses, conscientes e organizados, rasgar audazmente a estrada que os há de conduzir para melhores destinos. É mesmo necessário que sobre este aspecto se fixe a atenção da grande massa operária, a fim de que bem se comprometa dos graves perigos que resultarão da circunstância que acima apontamos.

Precisamos de organizar, de organizar muito, depressa e bem. Por isso, nenhum operário consciente que milita nos sindicatos, deve regatear o seu esforço, devendo, muito pelo contrário, levá-lo até ao máximo, para que a organização confederal agora esboçada, tome corpo, solidificando-se, impondo-se não só aos poderes burgueses, mas ainda, e o principal, à grande massa de trabalhadores que, mergulhados numa escuridão crassa de tinta, por completo abandonam a defesa dos seus interesses, não abrigando o menor desejo de progredir e limitando-se às suas funções de bestas humanas pagas a salário baixo, recebendo tranquilamente todas as humilhações e opressões, não meditando cinco minutos sequer na necessidade de se rebelarem e hostilizando, muitas vezes, aqueles trabalhadores que, tendo a consciência da missão histórica de desempenhar pelo proletariado, lutam denodadamente, indo até ao sacrifício máximo, pelos interesses das multidões que enchem as fábricas, as oficinas e os campos.

Realmente há muito boas vontades na organização operária; mas a verdade é que ela apoia-se geralmente na revolta, poucas sendo as consciências inteligentes que a secundam. É essa a dificuldade com que até agora o movimento operário tem lutado e continuará lutando. Os trabalhadores deste país, porque tem latente o sentimento da rebelião, com facilidade manifestam na rua a sua vontade, não hesitando, muitas vezes, em travar áspera e desigual peleja com as forças mantenedoras da ordem burguesa e capitalista. Porém, quando se trata de um esforço contínuo, de fazer essa rebeldia congenita em moldes cuidadosamente fundidos, nós vemos que a liga é quebradiça, do que geralmente resulta a inutilização dos mais justos movimentos, sendo exemplo eloquente desta nossa asserção o malogro da greve geral contra a carestia da vida, em 1918.

É uma dificuldade com que tem esbarrado os organismos operários. O trabalhador português sente em determinados momentos toda a iniquidade da actual ordem social e manifesta-se. Com facilidade, mesmo, verte o seu sangue pela causa dos trabalhadores. Exceção a essas ocasiões. Porém, pouco tempo passado, volta à sua inércia, abandona por completo o sindicato, descura os seus interesses, do que resulta enfraquecimento sensível dos esbarrados de onde se move a luta de classes, enfraquecimento devido à redução do número de combatentes. A verdade é que há rebeldias a mais e consciências a menos.

Esse deficit de consciências tem de acabar, ainda que à custa de muito trabalho.

É preciso que o proletariado se comprometa da missão que tem a desempenhar e a que de forma alguma se pode furtar. Para bem a desempenhar não basta que seja composto de revoltados. Tem de ter consciência, uma consciên-

cia, uma consciência, uma consciên-

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### De entre as últimas

De entre as últimas patranhas das agências e jornais burgueses contra a revolução russa, convém relevar a da destruição da esquadra bolchevista pelos ingleses: três cruzadores metidos no fundo e dois cruzadores fora de combate. E a vitória foi largamente festejada...

E afinal tudo se reduziu a isto: o couraçado «Andrei Pervozvanni» ligeiramente avariado, ficando as avarias reparadas dentro de poucos dias. E os outros navios, nem uma arranhadura.

Quanto a Petrógrado, tomado uma porção de vezes... pelas agências e jornais, lá está ainda nas mãos dos vermelhos.

Com as estupendas vitórias de Dénikín, dá-se o mesmo escrúpulo informativo: anunciam-se e ampliam-se as vitórias, mas cala-se as derrotas, que não tem sido poucas nem pouco importantes, como as quedas de Kupiansk e Pavlovsk, o grave desastre de Ust-Medveditsk, o recuo de cerca de 50 quilómetros, na região de Tsaritsin, tudo nos fins de Agosto.

A campanha de mentiras e calúnias contra a revolução socialista parece ter redobrado de vigor e intensidade. Não deixam sequer em paz Bela Kun...

para justificar de antemão a projectada restauração monárquica na Hungria.

«Notre ennemi, c'est notre maître»

Segundo nos informa Le Populaire de Paris num dos últimos números chegados, a autoridade militar francesa proclamou o estado de sítio em Mulhouse e na região de Thann, na Alsácia.

Motivo: o agravamento da greve nas minas de potassa. Pretendo alegar: atentados à mão armada e ameaças contra a «liberdade de trabalho». O costume.

Já há tempos nos referimos à repressão do movimento operário alaciano, logo desde o princípio da ocupação francesa, apenas concluído o armistício. Provavelmente, as autoridades francesas empenham-se em conseguir que os trabalhadores alacianos se acilhem sem esforço aos ares democráticos da nova pátria. Uma passagem demasiadamente rápida e sem transição poderia fazer-lhes mal ao peito.

Um burro que falava com cabeça, pelo visto. Hoje, os burros que falam é só para zurrar patrióticas burrices.

### Entsae aliados

Grave conflito — Um ultimatum à Romenia — O governo romeno não aceita o tratado de paz com a Austria

PARIS, 8. — O governo romeno ainda não respondeu à nota cominatória dos aliados sobre as pilhagens e requisições feitas pelo exército romeno na Hungria. O sr. Clark foi a Bucareste entregar o ultimatum do Conselho Supremo Inter-Aliado. O governo romeno deliberou não assinar o tratado de paz com a Austria, tencionando demitir-se no dia em que for assinado em Paris. A opposição está concorde com o governo nesta questão.

cia forte, que aprecie este e aquele aspecto de luta social, que forme uma corrente de opinião em que se firmem os organismos operários, que devem receber a inspiração das multidões, e não insufladas, como até agora tem sucedido.

Não é necessário criar mais rebeldias. A tarefa que se impõe neste momento é criar consciências. A transformação da sociedade não se fará, certamente, sem rebeldias. Porém, elas servirão apenas para o primeiro acto de Revolução, para a deposição pelas armas da actual ordem social. Depois, há alguma coisa de mais grave a fazer. É um mundo inteiramente novo que teremos de erguer, tendo como matéria prima as multidões. Se elas não passarem do quebradiça argila, esboroar-se-á o primeiro sopro o edifício trabalhoso e erguido, inutilizando-se esforços e sacrifícios de muitos anos. Pelo contrário, se o proletariado tiver uma consciência colectiva, a visão do que há a fazer, a obra será fácil, porque só temos a materializar o que já existe nos espíritos. Razoão tem quem escreveu alguns que a Revolução Social não se fará com leis e decretos.

Vamos concluir este artigo que já vai longo. Parece-nos que ninguém discordará das considerações acima feitas e cuja verdade facilmente se apreende. Todos concordarão em que é necessário aumentar a capacidade de consciência do proletariado português, a fim de que os alicerces da organização sindical não se continuem firmando na areia movediça da congenita rebeldia das massas trabalhadoras, mas sim numa robusta, indestrutível e sã consciência proletária.

## A Casa dos Trabalhadores

Entre as várias manifestações de aplauso à ideia da camarada Freitas, ontem chegadas às nossas mãos, temos presente um alvitre de Dois jovens sindicalistas do Arsenal de Marinha que nos despertou a atenção pela sua concisão e que diz:

«Propomos que se façam 20.000 obrigações de 10\$00 cada, divididas em coupons no valor de \$25, as quais seriam adquiridas pelos sindicatos, que procederiam à sua venda aos proletários».

Não emitimos opinião sobre se será este o melhor ou o pior modo de se atingir rapidamente e por uma forma prática o objectivo em vista, mas este alvitre sugere-nos as seguintes considerações numéricas:

Numa população total de cerca de seis milhões de habitantes não erraremos muito calculando em dois milhões de indivíduos a sua população operária. Ora supondo

## COLONIZAÇÃO

Há dias, na América, os negros e brancos amotinaram-se; houve mortos e houve feridos; correu o sangue pelas ruas.

Que disse a Europa sobre o caso? Pouco, muito pouco, alguns telegramas lacónicos e nada mais. Porque não se ocuparam os jornais do assunto e não patenteram os povos de que lado estava a razão? Seria por alguns mortos e feridos a mais não merecerem a atenção de quem assistiu impassível à queda de quinze milhões de vidas, ou haveria conveniência em não se mexer na verdade?

O facto é que os negros vão dando que fazer aos americanos. Ex-escravos, lançados em plena evolução da ciência que neste último século tem tomado um desenvolvimento colossal, os negros educaram-se, viram quando iniqua para eles era a sociedade americana, compreenderam os seus direitos, que são iguais aos dos brancos, e enquanto os não alcançarem, os motins não cessarão e o sangue não deixará de correr pelas ruas.

Quem quiser compreender profundamente a situação dos negros americanos que repare na analogia tremenda da luta dos pretos espoliados dos seus direitos contra os brancos que lhes negam a luta dos trabalhadores enganados contra a burguesia que os engana.

Analisando atentamente as revoltas actuais vê-se que elas tendem ou degeneram num esforço grandioso no sentido da Igualdade e da Justiça. E a dos negros na América não fica por aqui.

A imprensa burguesa da Europa, não se referiu com mais largueza de vistas a esta questão, dando-lhe o aspecto de simples incidente, porque falar-se de pretos e de brancos implica falar-se de colonização, e colonização, até hoje, ainda não se pôde traduzir senão por uma palavra — crime.

Os governos dum país civilizado, a título de exportarem a civilização para os povos selvagens, levam-lhes o canhão que os mata e o comércio que os rouba. Se colonizar é isto, a colonização é indubitavelmente um crime.

Exterminar um povo, enfaquecê-lo e bestializá-lo com o álcool, obrigá-lo a crer num Deus inverosímil, fornecer-lhes as mulheres e as filhas, victimar o meio puro dos sertões, eis que tem sido a missão civilizadora da Europa, eis a sua cultura!

E (ó ironia!) como é cómico ouvirmos falar do ilustre missionário, do distinto roceiro, da poderosa companhia, dos apóstolos da civilização!

Mas o verdadeiro tipo do colono hábil (segundo as fórmulas patrióticas cá da terra) é o português.

Ha perto de quinhentos anos que os portugueses se estabeleceram na Africa e é ver como as colónias progrediram! Que acção altamente benemerital Os selvagens se não sabem ler, sabem pelo menos engendrar assembléias; se eram fortes e belos em virtude da vida livre e sã das selvas, hoje estão completamente transformados porque a sífilis, produto requintadíssimo da Europa de elite, já abunda por lá, transmitindo os pobres negros em leproso de valor, em farrapos civisados.

Dos portugueses educados e instruídos como são, não se pode de maneira alguma, esperar os ideais dissolutos de Liberdade e de Amor.

É uma ilha vulgarmente conhecida

que a centésima parte desses operários, isto é, um por cada cem, se dispunha a fazer em prol dum tam bela ideia o sacrificio de 20 centavos semanais, ter-se ia obtido, ao fim dum ano, a verba de 208 contos e a Casa dos Trabalhadores, do operariado português, seria uma realidade.

Há vinte anos talvez isto tivesse de considerar-se uma utopia, um verdadeiro sonho, mas hoje, em que o nível intelectual e moral do proletariado, no nosso país como em todo o mundo, se tem elevado rapidamente, vincando nele o sentimento, a compreensão do dever e do interesse colectivos, não podemos capacitar-nos de que em dois milhões de homens não haja, pelo menos, vinte mil camaradas conscientes que se disponham a esse pequeno sacrificio, cujas vantagens finais são evidentemente como o provaremos subsequentemente.

pela perla do Atlantico que mais fecunda de genio e de intelligencia tem sido na actividade colonial. Essa ilha é S. Tomé, a colonia mais rendosa da nação. Trabalham ali 60.000 negros importados de outras terras africanas. Na sua maioria são ignorantes; a media dos que sabem ler... mal, deve ser couisa parecida com 1 por 4 ou 5 mil.

Onde está aqui a acção civilizadora dos brancos, será nos 60.000 analfabetos? Deve ser com certeza. Mas está também nos castigos corporais; na comida deteriorada; no trabalho extenuante sob um sol que tudo queima e em plena humidade que tudo estraga; na escravidão hipocrita que se mantém ainda; nos jogos malabares com os prazos dos contratos; nas mulheres prostituídas. Está na parcialidade infamante da maioria dos curadores, enviados pelos governos para protecção dos trabalhadores que se banqueteiam nas roças, em banquetes dados pelos roceiros e pagos pela escravidão, pela dor de 60.000 almas. A civilização está nos ordenados da 2 e 3 escudos mensais, ordenados que voltam ao bolso do patrão nos lucros de bugiungas e aguardente que ele vende ao negro viciado por sua culpa; está nas perseguições movidas contra as vozes sinceras que pedem justiça.

Tem-se abafado, sonegado a verdade; mas a ella estalará, dita não importa por quem, mal ella verá a luz do dia.

Eu clamo bem alto para que o povo me ouça; na perla do Atlantico, em S. Tomé — compreendem — cometem-se as mais atrozes barbaridades! Ha individuos que se aproveitam da ignorancia de 60.000 negros, para imperarem como Neros, para enriquecerem a custa do sofrimento alheio! São esses os que dizem levar a civilização aos povos incultos; são esses que os jornais burgueses, numa aviltante adulção do ouro, honram com o titulo espalhafatoso de apóstolos da civilização. Porém eles não são mais do que ladrões, vulgares criminosos à solta!

Eu não dizia que falar de pretos e brancos implicava falar da colonização, e que colonização significa crime?

Mário DOMINGUES

### Apaz com a Austria

PARIS, 7. — A delegação austriaca comunicou ao conselho supremo que a assembleia nacional austriaca deu plenos poderes a Renner para assinar o tratado de paz. A assinatura deve efectuar-se na quarta-feira às 10 horas da manhã em Saint Germain. — H.

### A Revolução Russa



Como ella é encarada

## NA LINHA DE FOGO

### Os "Voluntários da Pátria"

Não sei se deram pela divertida noticia que apparece nos jornais da formação duma liga de voluntários recrutados nos centros republicanos, ligada a fazer abortar qualquer greve declarada.

Os «Voluntários da Pátria» teriam já, segundo os comunicados à imprensa, pessoal sufficiente e habilitado para garantir o funcionamento de certos serviços públicos.

É, pelo que vê, uma espécie de milicia amarela, uma hoste impúdica de desvergonhados fazendo gala da sua baixeza como os devassos da sua miséria moral. Que haja amarelos não me admira eu. Os inconscientes são ainda em grande número. Que haja, porém, criaturas decentes que se prestem a organizar este recrutamento abjecto da cobardia e da traição, é que me custa seriamente crer.

Dizia-me alguém que semelhante ideia, sem condição alguma de viabilidade, não passará da cabeça de meia dúzia de sujeitos que no propósito de obrigarem os outros a trabalhar alcançariam eles próprios o meio de não fazerem nada.

Pensando bem, não creio que estes novos paladinos procedam venalmente. Não creio, no fundo, que sejam agentes do poder ou obrem por sugestão do patronato. É o impulso espontâneo de rasfajarem a sua doglidade de rajeiros sem consciência da vileza que praticam. São atavismos de escravo, ancestrallidades de réptil.

Eu admiro e louvo o voluntariado da cruz vermelha e de todas as instituições humanitárias que praticam o bem pelo bem, sem hostilizarem quem quer que seja. Eu compreendo que se defenda mesmo a pátria. Há noções tam impregnadas de idealismo, tam saturadas do espirito histórico, concentração sublime de sentimentos colectivos, que os mais emancipados de preconceitos não conseguem furtar-se à emoção que emana delas, ao prestigio que ainda inspiram. Nas epopeias há grandezas vividas que nos fazem ainda arrebatados.

Ligar num feixe afinidades étnicas ou defender uma nacionalidade, pode justificar talvez a guerra. A algumas vezes a guerra foi sagrada. Mas a guerra moderna de financeiros e plutocras

de negociantes e chatins, a guerra comercial sem idealismo, tratada a frio como um negócio, não se admite nem a defesa.

Uma ideia, embora errada, é-nos às vezes simpática não pela própria ideia em si, mas pela veneração de que foi alvo. Por esta ideia da pátria bateram-se almas intrépidas, terçaram-se as temperas mais lías, e a ela andam vinculados os maiores heroísmos da raça humana. Nenhuma ideia como a da pátria leve solidariedade mais completa, unanimidade tão espontânea. De trás de D. João I e de Camões houve ralmente uma pátria. Mas que pátria vemos nós por detrás dum Alfredo da Silva? Um cofre-forte e um livro caixa. Tal é a pátria de hoje.

É esta a pátria que os «Voluntários» se propõem defender, que outro não conhecem eles. Não é a Pátria, solo nacional, berço venerável de tradições, é o cofre da União Fabril. Bem clamam eles que é o público que defendem, o público que nada tem com os conflitos patronais, mas é sobre as costas dos trabalhadores que eles derrirem a questão. Que se arvorassem em árbitros dando um arremetido de imparcialidade à sua intrusão nestes conflitos, era admissível e desculpável. Mas este furor antigrevista é que é difícil de compreender. Tão natural é o direito de greve que as mais retrógradas minorias o inscreviam já nos seus códigos e em principio estabeleceram a neutralidade nos conflitos. Mas os famosos «Voluntários» não acatam decretos nem direitos. Servos submissos do Capital é contra os trabalhadores que mobilizam sem quererem saber se a greve é justa e se o patrão explora e é iníquo.

A crísa certamente não vai por diante, me o facto revela a podridão moral a que se chegou em democracia. É quando tudo evolue para a sociedade nova, quando o reinado burguês pende já para o ocaso, que alguns indivíduos que se dizem republicanos e progressivos mas obedecendo no fundo a um espirito inquisitorial se vão colocar incondicionalmente ao lado da força contra o direito, serventurários ignóbeis de deus-milhão, mastins abjectos de negreiros.

Seria grotesco se não enojoasse.

Manuel RIBEIRO

## O II CONGRESSO OPERARIO NACIONAL

Preparam-se os congressistas para partir para Coimbra, tendo chegado alguns já, da provincia, a Lisboa

Novas recomendações aos delegados da provincia e um convite aos de Lisboa

Já aqui dissemos que há uma dificuldade enorme em adquirir bilhetes na Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro.

Para evitar demoras, transtornos e, possivelmente, a perda do comboio no momento indispensável para seguirem viagem a tempo de chegarem a Coimbra a horas de assistir ao Congresso, os delegados da provincia, que não tenham facilidade em comprar bilhete directo para aquela cidade devem, como dissemos, fazer o possível por estar em Lisboa depois de amanhã, para, conseguindo bilhete de passagem nesse dia, chegarem a Coimbra na sexta-feira, por todo o dia ou à noite, em vista da primeira sessão do Congresso se efectuar às 11 horas de sábado.

Esta recomendação é indispensável, sobretudo para os delegados da provincia, pois para lastimar seria que qualquer deles, por aquele motivo, se visse forçado a ficar retido em Lisboa.

Insistimos, portanto, na conveniência desses delegados comprarem bilhete directo para Coimbra.

Aos delegados de Lisboa, e para tratar de um assunto urgente e muito importante, que se prende com a hipótese acima posta, convida a comissão organizadora a comparecer hoje, pelas 24 horas na sede, da U. O. N., com a importância do respectivo bilhete.

Recebeu ontem a comissão organizadora um pedido do delegado da União dos Sindicatos da Póvoa do Varzim, datado de 5 do corrente, para que lhe fossem enviados as teses e o cartão de identidade. Este pedido foi ontem mesmo satisfeito, sendo duvidoso, porém, que aqueles documentos cheguem a Póvoa a tempo de encontrar ali o seu destinatário, uma vez que a carta levou quatro dias a chegar a Lisboa.

Por esta forma informamos o camarada Francisco Bento da Cruz que, de facto, a Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado de Faenaria do Pórtio é aderente ao II Congresso Operário, devendo reclamar o seu cartão de identidade no próprio Congresso.

Ontem recebeu a comissão organizadora da União Ferroviária, uma tese

que será presente ao Congresso, tendo enviado também a sua cota suplementar de um escudo.

Também a mesma comissão recebeu, da Associação dos Fragateiros, uma outra tese, que igualmente apresentará ao Congresso.

Continuamos a publicar a nota dos sindicatos aderentes e bem assim os nomes dos seus representantes:

### Indústria gráfica

Federação Portuguesa do Livro e do Jornal, Alfredo Neves Dias, Manuel G. Afonso e Adolfo Nunes; Artes Gráficas de Évora; Artes Gráficas de Coimbra, António Tavares; Impressores Tipográficos, Carlos Pereira Dias; Artes Gráficas do Pórtio, Clemente Vieira dos Santos; Litógrafos do Pórtio, Henrique Alves Sousa; Encadernadores de Lisboa, Manuel Conceição Afonso; Empregados de Fotografia, Adolfo A. Nunes; Compositores Tipográficos de Lisboa, Alfredo Neves Dias, Henrique Silva e Alexandre Vieira.

### Indústria agrícola

Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais; Rurais de Vila Franca de Xira, Francisco Dias; Rurais de Lisboa, Justino Ferreira; Rurais-Alboreenses; Rurais de Montemor-o-Novo, Francisco Pereira; Rurais de Peroguarda, Abel J. Pereira; Rurais de S. Tiago do Escoural, António José Tourinho; Rurais de Benavilla, João C. Cantar; Rurais de Aldeia Nova de S. Bento; Rurais de Coruche; Rurais de Beja; Rurais de Odeira, Alberto Moutim; Rurais de Odeira, José Ernesto, João Silva, Leandro Calçada; Rurais de Évora; Rurais de Vendas Novas, José Pereira; Rurais de Alfândega; Rurais de Portalegre; Rurais de Alpiarça, Manuel F. da Costa; Rurais de Santo Aleixo.

### Indústria corticeira

Federação Nacional da Indústria Corticeira, João Serra Junior, Silverio Santos, António Gomes Cortes; Corticeiros de Silves, João Serra Junior; Almada, Silverio Santos; Corticeiros da Venda Nova; do Seixal, António Oomê; Costa; Corticeiros do Barreiro, Domi-



gos Gomes Pabio; Corticeiros de Evoor, Heitor Emilio da Veiga.

### Indústria de calçado

Manufactores de Calçado de Lisboa, Manuel Joaquim de Sousa; Fabricantes de Calçado do Porto, Manuel Francisco de Sousa; Lucas, João Campos e Serafim dos Anjos; Tamarqueiros do Porto, Norberto de Carvalho; Sapateiros de Beja; Curtidores de Alameda, António A. Mata-Pome; Sapateiros de Faro, José da Torre; Manufactores de Calçado de Viana-do-Castelo, Reinaldo Vieira; Fabricantes de Calçado de Fátima do Porto, Francisco Bento Cruz; Curtidores e Surradores de Guimarães, Manuel Joaquim de Sousa; Tamarqueiros da Póvoa do Varzim, Eduardo Correa; Curtidores e Artes Correlativas do Porto, José M. Oliveira Júnior; Manufactores de Calçado de Évora, Manuel Caetano de Sousa; Manufactores de Calçado de Coimbra, José Peres e José de Almeida (falta nomear um delegado).

### Comércio

Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio, Francisco R. Loureiro, Mario Azevedo, e José Dias Pinheiro; Caixeiros de Lisboa, Francisco R. Loureiro; Empregados de Escritório de Lisboa, Augusto Carlos Rodrigues; União do Comércio do Porto, José Dias Pinheiro; Caixeiros de Setúbal; Empregados do Comércio de Évora; Empregados do Comércio de Vila Nova de Famalicão, José Dias Pinheiro.

(Conclui.)

### "Portugal Comercial e Industrial"

Recebemos o primeiro número de uma artística revista intitulada *Portugal Comercial e Industrial*, impressa e composta nas oficinas do Anuário Comercial, de que é director o sr. Eduardo Noronha, secretário o sr. Carlos Abreu e director artístico o sr. Alfredo Morais. É uma interessante revista, ilustrada com numerosas e excelentes gravuras, contendo artigos interessantes, honrando, a execução gráfica, a indústria nacional.

### A redução das horas de trabalho e a energia humana

Os escribas da burguesia esforçam-se por demonstrar que, reduzindo as horas de trabalho, os operários contribuem para a carestia da vida, visto esta resultar da escassez de produtos. É, pois, necessário produzir muito e depressa.

Já por diversas vezes fizemos notar o sarcasmo com esta afirmação representada em regime capitalista, e a este ponto teremos ocasião de voltar. É o actual regime económico que impede o retardar a produção e que não tem interesse algum na abundância de produtos, antes pelo contrário.

Neste momento, porém, queremos apenas occupar-nos dum dos aspectos da questão: a relação entre o número de horas de trabalho diárias e a produtividade do trabalhador.

Uma máquina gasta-se e deteriora-se, mas dentro de certos limites relativamente largos pode-se calcular aritmeticamente o seu rendimento invariável.

Se essa máquina numa hora produz, por exemplo, dez peças, em cem horas produzirá cem vezes dez, mil peças de obra.

Mas a máquina humana é diferente. Fatiga-se ou entorpece rapidamente, e o rendimento da segunda hora é inferior ao da primeira. Assim, se uma hora produz um, em dez horas consecutivas não produzirá dez, mas sensivelmente menos.

Nas primeiras horas, ainda o rendimento se poderá manter quasi igual, mas à medida que as horas se acumulam, a produtividade baixa numa progressão rápida. E se a fadiga se conserva, por excessiva, para o dia seguinte, o rendimento do trabalho tende a diminuir de cada vez, sendo a tarefa retomada cada vez com menos energia.

Além disso, com a acção da idade, a energia do trabalhador vai baixando sempre, por mais bem treinado que ele esteja; e se a fadiga for continua, se a fadiga diária for excessiva, acutur-se-lá a acção dos anos, será mais prematuro o envelhecimento e com ele a perda de forças.

São factos conhecidos e de fácil verificação, como é conhecida e verificável a influência do número de horas de trabalho sobre os accidentes. Numerosas estatísticas tem mostrado que os accidentes vão aumentando pelo dia fora, à medida que se accentua a fadiga, e com ela a desatenção.

Numerosas o fim de cada período de trabalho, diminuem depois do intervalo, para atingir a cifra máxima no fim do segundo período diário. O dia que mais accidentes conta é o último dia de trabalho da semana, baixando os accidentes ao mínimo no dia seguinte ao do descanso semanal.

Certamente, o interesse patral não se move em fessas factos. Se o patrão paga um escudo tanto por oito como por doze horas diárias, é claro que preferir reter o seu salarido durante quatro horas, ainda que nas últimas horas não produza mais do que numa só das primeiras. É pouco que importa que o operário se fatigue em excesso, esteja exposto a accidentes ou a doenças e envelheça, ou arrebeite prematuramente. Se o trabalhador já não presta, deixa-o fora como a um cão velho, e chama outro. O mais que pode fazer — para ganhar fama de benemérito e merecer pomposos elogios nas gazetas — é dar meia dúzia de contos a uma instituição de beneficência, asilo ou hospital, e pagar à Companhia de Seguros o prémio do seguro contra accidentes no trabalho. São verbas mudas das despesas gerais.

Mas a classe trabalhadora não pode ter a mesma opinião, não pode deixar-se assassinar dessa maneira. Não pode ou não deve.

Nem o interesse patral condiz de modo algum com o interesse da sociedade em geral. Esta precisa de conservar e respeitar as forças produtoras, salvar o esforço humano com a máquina, impedir a fadiga e o depercimento da força física e de contágio, fazer cessar todos os motivos de dilaceramentos intestinos. Ela pedirá o supremo esforço produtivo, não à delicada máquina, mas à potente máquina de aço.

### OS DEPORTADOS

#### CHEGARAM ONTEM A LISBOA

Conforme ontem disseámos, nas últimas notícias, o vapor *São Jorge*, que a bordo trazia os camaradas que se encontram deportados em Loanda, entrou ontem no Tejo, pelas 4 horas. Os deportados só puderam sair às 17 horas, devido a dificuldades burocráticas, inevitáveis neste país.

Eram aguardados no cais por alguns operários, poucos, devido à incerteza da chegada ontem a Lisboa do *São Jorge*, assim como da hora a que fundearia no porto. Esses camaradas fizeram aos deportados uma recepção amistosíssima, acompanhando-os, depois, à sede da U. O. N., onde foram recebidos por alguns elementos da Central dos Sindicatos.

Os camaradas deportados, que são os seguintes: José Joaquim Nunes, corticeiro; Manuel Balinha, rural; Custódio Paulino, rural; Manuel João, rural; José Menezes, rural; António Zacarias, rural; João Monteiro Júnior, rural; Inácio Moraes, rural; Frederico Manuel Luis, rural; Bernardino Joaquim dos Santos, construção civil; estiveram nesta oficina apresentando as suas saudações.

O *São Jorge* partiu a 19 de Agosto, de Loanda, tendo a viagem decorrido bem.

### Congressos corporativos

**O dos Empregados no Comércio**  
Está definitivamente assente que o sexto congresso da classe dos empregados no comércio, que terá lugar em Santarém, se realize nos dias 27, 28 e 29 deste mês. Para a nomeação dos respectivos delegados já foram enviadas circulares a todos os sindicatos da província, devendo estes fazer-lhe com a maior brevidade.

As duas Juntas da Federação, norte e sul, vem trabalhando activamente na confecção de teses e outros documentos que deverão ser presentes ao congresso.

### A sair brevemente

Perfeito do Carvalho  
**NOTAS & COMENTÁRIOS**  
Preço \$30

### OS QUE VIVEM DA POME PÚBLICA

Encontra-se no Tejo há alguns dias, um barco carregado de batatas, não tendo sido ainda descarregado.

O indolentismo dos governantes pela carestia da vida continua manifestando-se a cada passo. Há dias deixaram apodrecer a bordo do *Douro*, 700 toneladas de batata, um artigo que quasi desapareceu do mercado, devido às manobras dos assambarcadores, que por todos os meios querem provocar a alta. Seria natural que as autoridades, tomando a sério a defesa dos interesses dos consumidores, assim que tivessem aviso de que essa grande quantidade de batata ameaçava danificar-se, se apossassem dela, abastecendo o mercado, pelo menos, por alguns dias.

Julgamos que casos como o do *Douro*, não se repetiriam, por serem escandalosos demais. Por isso, qual não foi a nossa surpresa quando se nos deparou num jornal de ontem o seguinte anúncio, em caracteres bem negros:

### VAPOR "TANA"

Carregamento de 1.032 toneladas de batata, vindo da Dundee

Não se tendo apresentado o destinatário a reclamar o sobredito carregamento, é chamado pelo presente anúncio o destinatário respectivo a apresentar-se, até no dia 8 do corrente inclusive, no Cais do Sodré, n.º 64, 1.º andar, para o referido recebimento. Este anúncio, que é e tem sido, é publicado nos termos e para os efeitos dos artigos 530.º e 539.º do Código Commercial.

Lisboa, 5 de setembro de 1919.  
O capitão, George Jamieson.  
(Segue o reconhecimento.)

Este anúncio é uma prova esmagadora de que o comércio se escrupulosos, explorador da fome pública, não tem a menor atenção os interesses do consumidor, não se importando em perder grandes quantidades de artigos de primeira necessidade, só para conseguir o agravamento do custo da vida, agravamento que não só reparar-se esse relativamente pequeno prejuízo, mas ainda lhe dará ocasião para colher fartos lucros como prémio da sua infâmia.

O povo trabalhador tem hoje uma prova de que não são os seus inimigos: o comércio assambarcador e desonesto e os governantes que não querem saber, como representantes da burguesia, da critica situação económica dos operários.

### Metalúrgicos em greve

Na sede do Sindicato Único Metalúrgico, reúnem-se os grevistas das oficinas "A Metalúrgica Lisbonense", resolvendo continuarem em greve até completa satisfação das suas reclamações. Em face da intrinsecidade dos industriais, manifestada à comissão que com eles se avistou, e de que fez parte o secretário geral do Sindicato, foi votada uma moção estabelecendo a atitude dos grevistas e de incitamento a todos os metalúrgicos para que não prejudiquem os grevistas.

### As perseguições

#### na Casa da Moeda

Acêrca das perseguições que, motivadas pela greve geral de solidariedade para com os camaradas da União Fabril, se estão praticando na Casa da Moeda, recebemos a seguinte carta do camarada Artur Inês:

**"Camarada redactor.**—O pessoal da casa da Moeda, que tem sido vítima do insulto de sorriso e punhal escondido no sótão, que é o celebríssimo mestre Azevedo, mais conhecido pelo Lucio, essa pessoa diziamos, que um pouco de consciência não saíam, quando diversos camaradas seus foram demitidos e outros suspensos, pela forma mais revoltante e iníqua, tinha pelo menos o dever moral, visto todos a uma voz protestarem inteiramente contra o sr. Lucio, de comparecer à reunião magna de assalariados e funcionários do Estado, que se devia realizar ante-ontem, domingo.

Não sabemos se já sabiam da intenção da comissão organizadora, de adiar essa parada dos trabalhadores do Estado, mas o caso é que, houve quem fosse analisar de perto quais eram os camaradas da Casa da Moeda que no domingo tinham ido à Caixa Económica Operária, e teve a ocasião de verificar que da Casa da Moeda estavam dois operários apenas, dos que estão ao serviço, e três dos perseguidos pelo sr. Anibal!

Não diremos os nomes dos que lá foram, porque tememos que o furibundo e vermelhusco director os tome de ponta e lhes faça o mesmo que fez aos outros camaradas!

Das senhoras, então, que tanto verberam a attitude do sr. Lucio, nenhum lá compareceu, apesar de algumas morarem ao pé da Caixa Económica Operária.

A reunião magna, como dissemos, acima foi adiada para hoje, terça-feira, às 20 e meia horas.

É preciso que o pessoal da Casa da Moeda, homens e operários e operárias, compareçam a essa reunião, porque de contrário se se protelar um assunto tão grave, como este, em breve sentirão peso enorme do seu erro, porque o que hoje succedeu aos camaradas perseguidos, pode muito bem succeder-lhes amanhã.

É bom que se note: o crime que aqueles praticaram, foi cometido por todos quantos assistiram à Assembleia em que se tratou do caso da União Fabril.—Artur Inês.

### A importação de farinha exótica

Foi entregue ao presidente da câmara dos deputados, uma representação das associações de classe dos operários da industria de moagem, frisando em poucas mas incisivas palavras, a ameaça que representa a proposta do ministro do comércio, publicada no *Diário do Governo* de 2 de Agosto, 2.ª série, que, a ser convertida em lei, pode de um momento para o outro lançar na miséria algumas centenas de famílias. Trata-se de autorizar o governo e particulares, quando aquele o julgar conveniente, a importar até 200.000 toneladas de trigo ou farinha para abastecer o mercado nacional. A importação de farinha representará a paralisação da industria moageira durante algum tempo, com toda a enorme série de inconvenientes que isso acarretará para os trabalhadores que nela se empregam.

Deve-se pensar este caso, que será na realidade muito grave, chamando nós para a atenção das entidades competentes.

### Festas associativas

São inauguradas no próximo dia 14, as festas anuais, na sede da União dos Empregados no Comércio de Lisboa, constando da inauguração da nova taboleta, sessão solene e às 21 horas, abertura da quermesse. As festas devem prolongar-se até ao mês de Outubro, revertendo o seu produto a favor do cofre da instrução.

### Operário condenado

Após 9 dias de prisão, foi ontem julgado no 1.º juízo de investigação criminal o camarada Eduardo dos Santos, que era operário da Manutenção Militar, tendo sido condenado em 10800 de multa e no tempo de prisão já sofrida, pelo que saiu em liberdade.

Esta condenação caracteriza bem como é compreendida e aplicada a justiça nas sociedades burguesas.

Como oportunamente noticiámos, Eduardo dos Santos foi despedido daquele estabelecimento do Estado e, ao dirigir-se à respectiva secretaria a reclamar o pagamento integral do que lhe era devido por diuturnidades, e que se lhe negava, foi ali violentamente agredido por oficiais e sargentos e, ainda por cima preso e processado sob a acusação de ter desrespeitado o capitão, Menezes e de ser bolchevista, acusação esta que pegou de moda para sempre que se pretende justificar qualquer prepotência.

E o caso é que Eduardo dos Santos, que era a quem, de facto competia o lugar de acusador dos que os haviam espancado a coberto da farda e da sua situação oficial, ainda por cima foi condenado, comtando o juiz: que lhe applicava aquela benigna pena atenuante ao seu provado bom comportamento!

Entretanto, os srs. da Manutenção vão-se rindo e continuando com os seus autoritarismos e violências.

### AS 8 HORAS

#### Condutores de carroças

Os condutores de carroças da área do Poço do Bispo, reunidos em sessão de propaganda na sede da Associação dos Operários Manipuladores de Borchia, apreciando o decreto do horário das oito horas de trabalho, fazem votos pela sua execução o mais rapidamente possível, estando dispostos a lutar pelo seu regular funcionamento, fazendo votos para que não succedam as sessões de propaganda.

### Perseguições governamentais

#### Uma sessão nos Rurais de Lisboa

Com as salas repletas, realizou-se no domingo, na Associação dos Trabalhadores Rurais de Lisboa, uma sessão de protesto contra as perseguições movidas contra a organização operária, sessão que principiou às 22 horas, tendo usado da palavra Alfredo Marques, pela U. O. N.; Alberto Monteiro, pela U. S. O. e Carlos Vicente, como delegado dos Cerâmicos de Lisboa e bem assim delegados da Comissão Pró-pressos, da Juventude Sindicalista e da Indústria Mobiliária. Todos os oradores salientaram a necessidade dos trabalhadores rurais se unirem e associarem de forma a poderem receber a transformação social que se avizinha, tendo-se ainda citado o facto dos rurais terem sido excluídos da lei das oito horas de trabalho, facto este que produziu por parte dos componentes da referida classe uma certa indignação.

No final, foi aprovada por aclamação e no meio de vivas à *Batalha*, U. O. N. e U. S. O. a seguinte moção:

"Considerando que o governo tem exercido contra a organização operária, uma série enorme de perseguições e bem assim contra a *Batalha*, seu órgão na imprensa operária; Considerando que a classe dos Trabalhadores Rurais já mais recebeu de qualquer governo, medida alguma de carácter social que a beneficiasse; Considerando que vai enfim entrar em vigor a lei das oito horas de trabalho, mas dela são excluídos os trabalhadores rurais: Os trabalhadores rurais reunidos em assembleia magna, a convite da comissão Pró-Pressos por questões sociais, resolve:

1.º Levantar o seu indignado protesto contra as arbitrariedades cometidas contra a organização operária; 2.º Encetar uma enérgica propaganda pró-oito horas de trabalho, realizando sessões; 3.º Nomear delegado e comparecer em massa ao comício que o caixeiato vai realizar em prol das oito horas de trabalho.

Encerrou-se a sessão com grande entusiasmo, tendo no final sido feita uma queima destinada a melhorar a situação que ainda se encontram prrros a qual rendeu três escudos e dez centavos.

João Maria Major

Escreve-nos este nosso camarada que se encontra preso na cadeia do Limoeiro, desde a última greve geral, dizendo-nos ter recebido as seguintes quantias dos operários do Parque Silva Porto em Bémica, nas três últimas semanas, respectivamente 9300, 5300 e 1300.

João Maria Major encontra-se muito satisfeito pelas camaradas do Parque Silva Porto tem sabido cumprir o seu dever de solidariedade.

**Comissão pró-pressos por questões sociais**

É de absoluta necessidade que compareçam hoje, pelas 21 horas, todos os delegados desta Comissão, a fim de se tratar de assuntos que se relacionam com os que não tem comparecido filitidamente. Teve esta comissão conhecimento de que já se encontra em liberdade o camarada José Pedro, que esteve preso cinco dias pelo crime de ler a *Batalha*.

Lamentou o facto de se encontrarem presos na cadeia de Odmira dezasseis trabalhadores rurais a maioria dos quais, regressaram em Junho de Africa, para onde tinham ido às ordens despóticas do desembrismo.

Amanhã, realiza-se, pelas 21 horas, na sede dos Tanoeiros, de Lisboa, rua de Marvila, ao Poço do Bispo, uma sessão de protestos para a qual foram convidadas a U. O. N., U. S. O. e esta comissão.

Esta comissão recebeu as seguintes quantias para auxilio dos camaradas presos: 3510, da Associação de Classe dos Trabalhadores rurais de Lisboa e 390 do Quartel dos Bombeiros da Esperança.

### Um ataque às 8 horas

Comunica-nos o Secretário Geral do Sindicato Metalúrgico, de que é quem tem a responsabilidade do comunicado que com esta epigrafe publicámos, que o facto de no assunto ter envolvido a firma Bruno, foi devido a má interpretação, porquanto o caso se passou apenas entre a firma Ribeiro com a oficina de sec. iheria e o seu pessoal.

Portanto, é de justiça dizer que o gerente da fundição de Ribeiro & C.º o sr. Jaime Bruno, se tem conduzido ante o horário das 8 horas muito accontente do seu pessoal. O seu a seu dono.

### Funcionários assalariados do Estado

Hoje reúnem pelas 21 horas, no salão da Caixa Económica Operária, rua da Voz do Operário, 52, 2.º, os funcionários e assalariados do Estado, a fim de deliberarem sobre a attitude a adoptar perante as perseguições e violências ultimamente cometidas nalguns estabelecimentos do Estado.

### Os calceiros e as 8 horas

Continua a notar-se na classe dos calceiros o maior entusiasmo pelo movimento pró-8 horas.

Em virtude de se encontrar a classe em sessão permanente, compareceram ontem: na sede do sindicato numerosos calceiros os quais demonstram pela attitude que mantem não abdicar do h.ário das 8 horas.

Hoje, pelas 21 horas, reúne novamente a classe a fim de apreciar as fases do movimento. Roga-se a comparsa de todos os camaradas porque há assunto da máxima importância a tratar.

### QUEDAS

No Banco do hospital de S. José foi pensado, seguindo depois num auto da Cruz Vermelha para o da Estrada, o soldado 1362, de 5.º esquadrão de cavalaria 2.º, Francisco Tavares Ribeiro, que na rua Bar Soares, caiu da montada, ficando com um pé coxo.

Uma das enfermeiras do hospital de S. José recolheu António Celestino Vaz da Costa, de 30 anos, empregado no comércio, residente na rua dos Azeites, 1.º, que deu uma queda quando visitava a Faculdade de Medicina, fracturando a perna esquerda, pela tibia, com complicações de ferida.

De enfermeira (a Francisca) saiu ontem, sem alic, o jornalista António Pedro Azeiteira, director do jornal *A Vanguarda*, que no dia 11 de Maio ultimo deu uma queda numa sala propria em construção em Campolide, fracturando uma perna.

### CONGRESSO NACIONAL DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

A ordem dos trabalhos deste Congresso, que se inicia amanhã, é a seguinte:

DIA 10.—1.ª sessão, das 12 às 17 horas: Abertura do Congresso, chamada de delegados, revisão de mandatos, discussão do regulamento do Congresso apresentação do relatório da Federação.

2.ª sessão, das 20 às 0 horas: Discussão da tese—Organização.

DIA 11.—3.ª sessão, das 12 às 17 horas: Discussão da tese *Uniformidade de salários*.

4.ª sessão, das 20 às 0 horas: Discussão dos estatutos da Federação Nacional da Indústria.

DIA 12.—5.ª sessão, das 12 às 17 horas: Discussão das moções e propostas apresentadas ao Congresso.

6.ª e última sessão, das 20 às 0 horas: Nomeação da Comissão Administrativa da Federação e encerramento do Congresso.

### Ainda a greve ferroviária

#### Readmissão de grevistas

Uma comissão de ferroviários que se interessa pela readmissão dos seus colegas suspensos por motivo da recente greve voltou ontem a conferenciar com o sr. Alberto Meireles, secretário do presidente do ministério, sobre o assunto, sendo-lhe mais uma vez confirmado que o sr. Sá Cardoso, envida todos os esforços no sentido de que a Companhia use da maior benevolência para com os ferroviários que se encontram naquelas condições. O inquérito continuou, tendo a Companhia Portuguesa recebido nota de mais algumas suspensões em vários pontos da linha e mandado também readmitir alguns dos suspensos. O sr. Alberto Meireles esteve ontem novamente tratando do assunto com o Conselho de Administração da Companhia.

Para tomar conhecimento desta nota deve comparecer amanhã, pelas 18 horas, na sede do Sindicato, todo o pessoal que se julgue demitido ou suspenso a fim de irem apresentar-se ao serviço todos quantos não incluídos nessa nota.

### Em legitima defesa

Dos camaradas ferroviários Jaime das Neves Fonseca e José das Neves Fonseca, recebemos as seguintes cartas a que damos a devida publicidade:

**Camarada redactor de "A Batalha"**—Tomei a liberdade de escrever junto com o protesto por causa de uma notícia em tal jornal publicada, este não lhe deu publicidade, como lhe cumpria, limitando-se a um alarido.

Rogo, pois, a sua publicidade na integra. Lisboa, 8-9-1919—J. Neves.

**Ex.º sr. redactor do "Século"**—Lisboa.—Algum me chamou a atenção para uma notícia que o vosso jornal de 4 do corrente publicou, na qual era atacada a ex-Comissão de Melhoramentos do pessoal da C. P. Tem o *Século* visto sobre os ferroviários toda a sua bile, e não contente com tal tarefa, ainda por fim calunia pessoas que não calculamos como éle.

Sou um trabalhador da media ferroviária não tendo interferência em quaisquer actos que se applicarem ou venham a praticar, portanto não posso ser responsabilizado por qualquer acto que os meus colegas tenham praticado, durante dois meses, e com a máxima delicadeza e respeito, a nada que se diga o contrário.

A Comissão de Melhoramentos não existe já, mas sim homens dispersos que a C. P. abandonou sem culpa formada e depois de muitos anos de serviço.

Só um trabalhador da media ferroviária não tendo interferência em quaisquer actos que se applicarem ou venham a praticar, portanto não posso ser responsabilizado por qualquer acto que os meus colegas tenham praticado, durante dois meses, e com a máxima delicadeza e respeito, a nada que se diga o contrário.

**Camarada redactor de "A Batalha"**—Eu vi no *Século* a carta que, mas, como a não publicou, peço a faveza de a mandar publicar em *A Batalha*. Sempre as ordenações, 8-9-1919.—José das Neves Fonseca.

**Ex.º sr. redactor do jornal "O Século"**—Lisboa.—No *Século* de ontem, 6, vem a insinuação de que a Comissão de Melhoramentos, demitida juntamente com os demais agentes suspensos, ainda incluindo no animo do pessoal que se encontra ao serviço, que se revolte. Tal insinuação não tem razão de existir, porque todos os agentes alvos da perseguição foram demitidos, por todos os meios, acinar a revolta que lava naquelas que tomaram o trabalho e que, sendo conscienciosos e dignos, se julgaram capazes de tanta perseguição injusta, exercida pela companhia contra agentes que apenas foram grevistas leais no lado dos seus camaradas, como liús são à Companhia quando ao seu serviço.

Em meu nome e em nome dos meus camaradas afastados do serviço protesto energicamente contra as calúnias que sobre nós foram lançadas, e peço a publicação desta carta.—Lisboa, 7-9-1919.—José das Neves Fonseca, ferroviário suspenso.

### Cozinha Comunista

Tendo o camarada António M. Figueiredo assinado o termo de responsabilidade da importância de 12500, produto da queta do pessoal da Subsistência, a comissão desta cozinha dá por sanado o assunto.

### Polícia hostil ao regime republicano

Foi demitido do corpo da policia civil, em virtude dum despacho do ministro do interior, o guarda 1310, Arnaldo de Campos, da 15.ª esquadra, por se ter apurado ser manifestamente conivente ao actual regime.

### Homem queimado

A enfermeira 5 (S. João Baptista), recolheu, depois de pensou no posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço, António Lopes dos Santos, 28 anos, militante, residente no Mercado 25 de Julho, 14, que a bordo do vapor *Algarve*, acabou a nauha de Alcântara, ficou muito queimado pelo corpo.

### Desastre na caça

Depois de pensou no posto da Cruz Vermelha, foi conduzido num auto daquela Sociedade ao hospital de S. José, onde ficou internado na enfermeira 4 (Santa António), Manuel da Cruz Calvo, de 33 anos, solteiro, residente em Vanda Velha, Setúbal, que andando ali a caça, a arma se disparou indo a carga atingindo no ante-braccio direito o corpo.

### Locais imundos

Chama-se a atenção da Câmara Municipal para o estado de imundície e falta de limpeza em que se encontram a calçada da Garcia e rua do Arco da Graça, onde há um urinal que exala mau cheiro, passando-se dias consecutivos em que estas ruas não são regadas, apesar de serem bastante movimentadas devido a fazerem trázito para o hospital de S. José.

### Trabalhadores léde e propag

### Vida Sindical

#### U. O. N.

Reúne amanhã, às 21 horas, a Comissão Administrativa para se occupar de assuntos que se prendem com o próximo Congresso Operário Nacional.

### COMUNICAÇÕES

#### Federação da Construção Civil.

—A comissão permanente entrevistou ontem o director geral acêrca da situação dos operários que foram despedidos das Obras do Castelo, pretendendo saber se os mesmos operários eram novamente admitidos. Foi-lhe respondido pelo director que ia mandar officiar ao comandante da guarda republicana para saber quem eram os operários que deviam ser admitidos em diferentes obras do comércio. A's 21 horas reúne a comissão administrativa e a comissão permanente.

**Corticeiros.**—A comissão de melhoramentos desta classe tomou conhecimento de propostas de admissão de sócios em virtude da propaganda feita pela dita comissão; e protesta veementemente contra a calúnia que os patrões levantaram contra os trabalhadores no comércio ao afirmarem ser meia dúzia de agitadores que ganham dinheiro às associações quem quer as 8 horas quando os verdadeiros agitadores são eles que não respeitam as leis do país desde que estas afetem os seus interesses.

Na reunião resolveu-se mais saúdar o jornal *A Batalha* assim como ao *Combate* pela defesa que tem tomado pelas 8 horas.

**Pintores.**—A assembleia geral deliberou officiar ao sr. Diomêtro Vime para que sejam encarregados dos prancheiros, homens profissionais, acabando-se com o que está succedendo, pois esse serviço está encarregado de indivíduos desconhecidos desse mister. Foi nomeada uma comissão para tratar da equiparação dos salários dos pintores dos Transportes Marítimos com os da construção civil, composta pelos camaradas: Armando Ferreira e Inácio Marques, da construção civil; Luís Pereira e João Ferreira, pelos Transportes Marítimos; Abel de Castro e Artur dos Santos, pela Companhia Nacional de Navegação.

**Operários Alfaiates.**—Devido realizar-se brevemente uma assembleia para tratar de assuntos que importam futuro e o engrandecimento desta colectividade, a comissão administrativa espera que todos os associados cumpram o



## RIBUNA SINDICALISTA

A direcção patronal da produção  
e a propriedade privada do material social

As partes de fundadores e acções... Os fundadores das sociedades... As partes de fundadores e acções... Os fundadores das sociedades... As partes de fundadores e acções...

Assim restituem ao titular mais do... a soma emprestada a princípio... Assim restituem ao titular mais do... a soma emprestada a princípio...

Outro processo dos fundadores das... As sociedades anónimas tem o cuidado... Outro processo dos fundadores das... As sociedades anónimas tem o cuidado...

As sociedades anónimas tem o cuidado... de encobrir um tanto a duração e... As sociedades anónimas tem o cuidado... de encobrir um tanto a duração e...

Todas as operações que acabamos de... A avaliação das percentagens cobra... Todas as operações que acabamos de... A avaliação das percentagens cobra...

IV A avaliação das percentagens cobra... As percentagens cobradas pelos pro... IV A avaliação das percentagens cobra... As percentagens cobradas pelos pro...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe... a) A cifra dos alugueres pagos pelos... b) O número de vezes que os succe...

TEATRO SÃO LUIZ  
EXIBIÇÃO MONUMENTAL  
O PÊ DE MEIA

A Sina, o Gato, a Trilhaeira... A Sina, o Gato, a Trilhaeira... A Sina, o Gato, a Trilhaeira...

francos por ano para cada indivíduo... segundo a estatística... francos por ano para cada indivíduo... segundo a estatística...

A aviação destes verdadeiros rom... brios efectuados em França pelos p... A aviação destes verdadeiros rom... brios efectuados em França pelos p...

Por isso as cifras precedentes, em... parte colhidas na obra de Foville, s... Por isso as cifras precedentes, em... parte colhidas na obra de Foville, s...

Conclusão H. DUFOUR

## O Cooperativismo

Há camaradas que sinceramente jul... gam que o estado social existente se... Há camaradas que sinceramente jul... gam que o estado social existente se...

O cooperativismo em nada modifica... as condições económicas do proleta... O cooperativismo em nada modifica... as condições económicas do proleta...

Em França a metade do solo agricola... or sejam vinte e cinco milhões de hec... Em França a metade do solo agricola... or sejam vinte e cinco milhões de hec...

Em resumo: sendo a produção social... em França, avaliada em trinta bilhões... Em resumo: sendo a produção social... em França, avaliada em trinta bilhões...

Francisco DIAS

## SINDICATOS

Oficiais de Ourives do Porto... Depois de lidas e aprovadas as conta... Oficiais de Ourives do Porto... Depois de lidas e aprovadas as conta...

Infringindo o horário de tra... balho

Os camaradas José da Silva, Evaristo... Rosa e Manuel de Almeida Dias, vieram... Os camaradas José da Silva, Evaristo... Rosa e Manuel de Almeida Dias, vieram...

va caia, lenta e fria, acabando por a... tressar os capotes já molhados dos ag... va caia, lenta e fria, acabando por a... tressar os capotes já molhados dos ag...

Muitos, entre nós, murmuravam, pron...unciavam em alta voz palavras de a... Muitos, entre nós, murmuravam, pron...unciavam em alta voz palavras de a...

Consolava-me, pensando em que o g...eral tinha talvez requisitado viveres... Consolava-me, pensando em que o g...eral tinha talvez requisitado viveres...

De tempos a tempos, chegavam com...bois carregados de tropas, Milicianos... De tempos a tempos, chegavam com...bois carregados de tropas, Milicianos...

## NA RUSSIA VERMELHA

A situação geral  
dos bolchevistas

Trotsky discursando acerca da situação... militar

A República Sovietista continua, co... mo na primavera deste ano, cercada... A República Sovietista continua, co... mo na primavera deste ano, cercada...

Ao norte da Rússia, o exército inva... sor dos aliados tenta pôr-se em liga... Ao norte da Rússia, o exército inva... sor dos aliados tenta pôr-se em liga...

A oeste, as tropas de Koltchak, apro... ximam-se do Volga, no centro. No su... A oeste, as tropas de Koltchak, apro... ximam-se do Volga, no centro. No su...

Por fim, no sudoeste, o exército de... Denikin recua sob a pressão das t... Por fim, no sudoeste, o exército de... Denikin recua sob a pressão das t...

Uma sombra resta porém no hori...zonte: o exército polonês prossegue... Uma sombra resta porém no hori...zonte: o exército polonês prossegue...

Segundo radiogramas de Moscou, os... egidos de Krenlin para Inglaterra, Trotsky, discursando acerca da situação... Segundo radiogramas de Moscou, os... egidos de Krenlin para Inglaterra, Trotsky, discursando acerca da situação...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r... Quando Koltchak começou a atacar... os, a Rússia operária e camponesa r...

## TRINDADE

## Paz Armada

Hoje 9 às 21,30

Manejos dos comerciantes portu... tenses—Prendem, se o go—verno... Manejos dos comerciantes portu... tenses—Prendem, se o go—verno...

PORTO, 3-C.—Esta incerta cidade... do norte está na posse integral de u... PORTO, 3-C.—Esta incerta cidade... do norte está na posse integral de u...

Uma comissão de trabalhadores cons... cientes desta cidade, está trabalha... Uma comissão de trabalhadores cons... cientes desta cidade, está trabalha...

Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios

Pelo conselho de administração des... te instituto, direcção de desastres de... Pelo conselho de administração des... te instituto, direcção de desastres de...

Festas operárias

No próximo domingo effectua-se no G... rupo Dramático 1.º de Dezembro uma... No próximo domingo effectua-se no G... rupo Dramático 1.º de Dezembro uma...

Na Escola de Aviação da Amadora

Queda de um aeroplano—Dois feridos sem gravidade

Ontem, pela tarde, na Escola de Avia... ção Militar na Amadora, o capitão Brito... Ontem, pela tarde, na Escola de Avia... ção Militar na Amadora, o capitão Brito...

Escola Académica

A mais antiga e frequentada escola particular do país

Calçada do Duque, 20 LISBOA

Telefone 819—REG. ACADÉMICA

512 aprovações no último ano lectivo

Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas, com o laus e o preço de matrícula.

Então, resolveu-se a dar-nos lenha—gritava o sargento, o velho lenha—respondeu. Há oito dias que está a passar tropa...

Então, resolveu-se a dar-nos lenha—gritava o sargento, o velho lenha—respondeu. Há oito dias que está a passar tropa...

## TRINDADE

## Paz Armada

Hoje 9 às 21,30

Manejos dos comerciantes portu... tenses—Prendem, se o go—verno... Manejos dos comerciantes portu... tenses—Prendem, se o go—verno...

PORTO, 3-C.—Esta incerta cidade... do norte está na posse integral de u... PORTO, 3-C.—Esta incerta cidade... do norte está na posse integral de u...

Uma comissão de trabalhadores cons... cientes desta cidade, está trabalha... Uma comissão de trabalhadores cons... cientes desta cidade, está trabalha...

Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios

Pelo conselho de administração des... te instituto, direcção de desastres de... Pelo conselho de administração des... te instituto, direcção de desastres de...

Festas operárias

No próximo domingo effectua-se no G... rupo Dramático 1.º de Dezembro uma... No próximo domingo effectua-se no G... rupo Dramático 1.º de Dezembro uma...

Na Escola de Aviação da Amadora

Queda de um aeroplano—Dois feridos sem gravidade

Ontem, pela tarde, na Escola de Avia... ção Militar na Amadora, o capitão Brito... Ontem, pela tarde, na Escola de Avia... ção Militar na Amadora, o capitão Brito...

Escola Académica

A mais antiga e frequentada escola particular do país

Calçada do Duque, 20 LISBOA

Telefone 819—REG. ACADÉMICA

512 aprovações no último ano lectivo

Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas, com o laus e o preço de matrícula.

Então, resolveu-se a dar-nos lenha—gritava o sargento, o velho lenha—respondeu. Há oito dias que está a passar tropa...

Então, resolveu-se a dar-nos lenha—gritava o sargento, o velho lenha—respondeu. Há oito dias que está a passar tropa...

## TRINDADE

## Paz Armada

Hoje 9 às 21,30

Manejos dos comerciantes portu... tenses—Prendem, se o go—verno... Manejos dos comerciantes portu... tenses—Prendem, se o go—verno...

PORTO, 3-C.—Esta incerta cidade... do norte está na posse integral de u... PORTO, 3-C.—Esta incerta cidade... do norte está na posse integral de u...

Uma comissão de trabalhadores cons... cientes desta cidade, está trabalha... Uma comissão de trabalhadores cons... cientes desta cidade, está trabalha...

Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios

Pelo conselho de administração des... te instituto, direcção de desastres de... Pelo conselho de administração des... te instituto, direcção de desastres de...

Festas operárias

No próximo domingo effectua-se no G... rupo Dramático 1.º de Dezembro uma... No próximo domingo effectua-se no G... rupo Dramático 1.º de Dezembro uma...

Na Escola de Aviação da Amadora

Queda de um aeroplano—Dois feridos sem gravidade

Ontem, pela tarde, na Escola de Avia... ção Militar na Amadora, o capitão Brito... Ontem, pela tarde, na Escola de Avia... ção Militar na Amadora, o capitão Brito...

Escola Académica

A mais antiga e frequentada escola particular do país

Calçada do Duque, 20 LISBOA

Telefone 819—REG. ACADÉMICA

512 aprovações no último ano lectivo

Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas, com o laus e o preço de matrícula.

Então, resolveu-se a dar-nos lenha—gritava o sargento, o velho lenha—respondeu. Há oito dias que está a passar tropa...

Então, resolveu-se a dar-nos lenha—gritava o sargento, o velho lenha—respondeu. Há oito dias que está a passar tropa...

1.º 194 de A BATALHA Folhetim N.º 8

O CALVÁRIO

POR OCTAVE MIRANDA

II

Hoive entre nós rias sangrentas por causa de um tacho de costeletas encontrado num armário, o general mandou fuzilar um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo de uma pilha de adubo, alguns galos de toucinho-salgado.

volta, a passo ginástico... Tátaras, táta ra, táta ra!

Depois, deu uma ordem. Em alguns minutos, cadeiras, armários, mesas, leito, foram feitos em pedaços. O pobre homem levantou-se com esforço, recolheu-se ao fundo do quarto, e encolheu-se a fogueira ardida, enquanto o sargento, cujo capote e cujas calças fumegavam, se aquecia rindo deante do brazeiro crepitante, o velho, com um olhar estúpido, contemplava os seus últimos móveis que ardiam, não cessando de repetir com obstinação:

Não tenho lenha!

Voltei para a estação.

O general tinha saído do gabinete de telegrapho, mais encolerizado do que nunca, Rosnava fez, quando, de repente, se fez um grande tumulto. Ouviram-se então os gritos: oficiais correndo em todas as direcções. Os clarins tocavam. Sem nada compreender desta contra-ordem, tivemos de por a moxila à costas e a espingarda ao hombro.

Com os membros entorpecidos pela imobilidade, como os ouvidos a zumbir, empurrando-nos uns aos outros, retomámos a marcha, aquecidos, debaixo de chuva, na lama, através da noite...

At direita e à esquerda, estendiam-se os campos, afogados em sombra, de onde se elevavam as ramadas das madeiras, que parecia tremerem contra o eco. Por vezes, muito ao longe, um cão ladrava.

(Continua)



